



## RESENHA

SILVA, Wagner Rodrigues (org.). **Contribuições sociais da Linguística Aplicada: uma homenagem a Inês Signorini**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021. 378 p.

Antonio Naéliton do Nascimento  /0000-0002-8616-6276  
Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino  
Universidade Federal de Campina Grande  
antonio.naeliton@estudante.ufcg.edu.br

Roberto Barbosa Costa Filho  0000-0003-3339-0124  
Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino  
Universidade Federal de Campina Grande  
roberto.barbosa@estudante.ufcg.edu.br

 <http://dx.doi.org/10.35572/rle.v21i2.2260>

*Recebido em 20 de maio de 2021*

*Aceito em 09 de julho de 2021*

Larrosa (2020 [2014], p. 18, grifo nosso) nos ensina que a experiência é “o que *nos* passa, o que *nos* acontece, o que *nos* toca” e que, para tê-la, é necessário um gesto de interrupção, de delicadeza e de escuta (leitura) atenta para que possamos construir *sentidos* ou *sem-sentidos*. Cremos que tenha sido nessa perspectiva que cada um dos autores do livro *Contribuições sociais da Linguística Aplicada: uma homenagem a Inês Signorini*, organizado por Wagner Rodrigues Silva e publicado pela Pontes Editora, escrevem os seus respectivos textos. E é assim que convidamos você, tal como nós fizemos, a adentrar à leitura dessa obra: em prol da experiência.

Essa crença e esse convite justificam-se pelo caráter *homenageativo* da obra a uma das mais importantes representantes da Linguística Aplicada (LA) em nosso país: Inês Signorini. Nessa direção, entendemos, por um lado, que todos os autores que se entrelaçam entre os escritos tiveram (têm) alguma relação com Signorini, seja como colegas e amigos, seja como (ex-)orientandos; por essa razão, esses autores devem ter vivenciado a escrita de seus textos por meio das lembranças das experiências que puderam compartilhar e, a partir disso, construído novas experiências. Por outro lado, temos, enquanto leitores, a oportunidade de vivenciarmos essa leitura como experiência, adentrando nas tramas que se estabelecem em toda a obra.

Estruturalmente, além da *Apresentação*, escrita por Maria Inês Probst Lucena, da *Introdução*, escrita pelo organizador Wagner Rodrigues Silva, e de uma pequena biografia de cada autor, o livro se organiza em dez capítulos que se subdividem em três partes: *Trajatória na Linguística Aplicada*, *Estudos de Letramento e Ideologias Linguísticas*. Tais partes se coadunam com as experiências construídas por Signorini em seus estudos enveredados na LA, em que a língua(gem) sempre esteve em destaque. São 378 páginas de convite a experienciar a LA e suas contribuições sociais por meio de cada texto apresentado.

A parte I do livro se expande em afeto e reconhecimento pelas contribuições de Inês Signorini para a área da LA. Entre experiências construídas com e a partir da homenageada, seja no âmbito da reflexão sobre a área, seja no âmbito do trabalho em parceria, essa parte da obra, na entrevista e nos três capítulos de que é composta, nos convida a refletir sobre os sentidos de se estudar a linguagem na LA. Por isso, na entrevista de abertura, temos o prazer de interrompermo-nos para construir sentidos *conversando* com Inês Signorini. Perpassamos por sua formação enquanto professora e pesquisadora, pelos seus constructos sobre a epistemologia da LA e sobre suas ideias sobre ensino e formação de professores de língua, que muito têm influenciado professores e pesquisadores da área.

No capítulo 1, *Caminhos, percalços e encontros na Linguística Aplicada*, Kanavillil Rajagopalan rememora polêmica internacional em torno do estatuto da LA, destacando dissabores, dificuldades e tribulações os quais a área teve de enfrentar até seu estabelecimento atual. Além disso, este autor lança luz frente às contribuições de Signorini para uma “Linguística Aplicada Consequente”, como vertente por ele defendida, lembrando vivências que ambos puderam compartilhar juntos em eventos e em publicações que tematizam assuntos caros à LA, como linguagem situada e identidade.

Logo em seguida, Maria Augusta Reinaldo, Maria Auxiliadora Bezerra e Angela Paiva Dionisio apresentam, no capítulo 2 - *Influência de uma linguista aplicada na formação de professores de portugueses*, as contribuições de Signorini na implementação e consolidação de estudos de língua portuguesa na formação inicial e continuada da Licenciatura em Letras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)<sup>1</sup> entre as décadas de 1980 e 1990. A partir das teorias de leitura, escrita e letramento que se desenvolviam à época, Reinaldo, Bezerra e Dionisio perpassam por diversas ações que a homenageada do livro participou diretamente no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão que muito contribuíram para a formação de diversos professores de língua portuguesa e alunos da educação básica.

Em *Descortinando a obra de Signorini na Linguística Aplicada*, capítulo 3 da obra, Edmilson Luiz Rafael, Williany Miranda da Silva e Denise Lino de Araújo apresentam uma amostra de obras significativas da estudiosa para a consolidação da LA

---

<sup>1</sup> À época, *campus* II da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

no Brasil. A partir de referência a elementos do texto dramático (enredo, palco, pós-produção e rubrica) – para nos lembrar a formação em pós-graduação de Signorini marcada por pesquisas sobre aspectos políticos e identitários na linguagem de um grupo de teatro – os autores do capítulo dão sentido às contribuições de Signorini no que concerne (i) ao caráter político-filosófico de seu percurso acadêmico-científico, (ii) ao seu comprometimento com debates epistemológicos na área, e (iii) ao seu empenho na divulgação de sua produção, especialmente empreendida com orientandos e ex-orientandos. Dessa maneira, somos levados a uma visita a significativas contribuições de Signorini para os estudos aplicados da linguagem, concluindo a parte I do livro.

Na parte II, são reunidos trabalhos que tratam de estudos sobre letramentos, uma das vertentes enveredada por Signorini na LA, a qual ela muito tem se dedicado e contribuído. São três capítulos que se somam às contribuições da homenageada para a compreensão dos usos da leitura e da escrita por meio das práticas sociais de que se originam, resultando em uma perspectiva fortemente situada de linguagem.

No capítulo 4, *Letramento ou literacia? Ameaças da cientificidade*, Wagner Rodrigues Silva nos chama a refletir sobre os impactos gerados a partir de determinadas escolhas adotadas pela política oficial brasileira voltada para o ensino da leitura e da escrita. Mais precisamente, este autor analisa a adoção do termo *literacia* pela Política Nacional de Alfabetização (PNA) atual, em detrimento do termo *letramento*, já consagrado na literatura brasileira quanto às práticas sociais de uso da leitura e da escrita. O autor demonstra como, a partir de pseudo “evidências científicas”, essa política tenta deslegitimar as pesquisas brasileiras sobre letramentos e alfabetização voltadas ao paradigma emergente, eminentemente presente na LA, em prol de um paradigma dominante e visto como *mais científico*. De forma clara e precisa, Silva mostra a fragilidade na conceituação do termo *literacia* e na defesa dos métodos exclusivamente cognitivistas de alfabetização do PNA, o que pode gerar a necessidade de “um maior esforço de elaboração e enfrentamento da prática pedagógica pelas alfabetizadoras” (SILVA, 2021, p. 157).

Petrlson Pinheiro, no capítulo 5 – *(Novas) práticas de letramentos e contribuições para a Linguística Aplicada*, nos mostra como práticas de letramentos, em momentos históricos diferentes, foram construídas a partir dos textos e das mídias adotadas. Para isso, visa à comparação das práticas de letramentos na disseminação das 95 Teses de Martinho Lutero e na mudança pragmática gerada com relação à história do Cristianismo, no século XVI, e das práticas de letramentos ocasionadas a partir de movimentos sociais difundidos por mídias sociais, como o *Twitter*, o *Facebook* e o *WhatsApp*, e de *fake news* geradas, na segunda década do século XXI. Com essa comparação, Petrlson evidencia a distinção nos modos de disseminação das práticas de letramentos nesses dois períodos históricos, de modo a ilustrar, tal como defende a homenageada da obra, que a intervenção na/pela linguagem ocorre em uma dada conjuntura sociocultural e histórica, que envolve vários objetivos, recursos e instrumentos. Além disso, o autor enfatiza o quanto o exercício analítico e epistemológico imposto pela noção de letramentos pode contribuir para a LA, considerando princípios fundamentais ao fazer pesquisa nessa área, a saber: situacionalidade, historicidade, criticidade e ética.

Finalizando a parte II do livro, Daniela Reischank Pereira e Clara Dornelles nos trazem o capítulo 6 – *Conscientização crítica pelo Letramento Literário no Ensino Médio*. Ao relembrares constatações de Signorini quanto ao tencionamento vivenciado pelas escolas entre a abertura para novas tecnológicas e a manutenção do grafocentrismo, as autoras problematizam as possíveis relações entre alunos do Ensino

Médio e a leitura literária e produção colaborativa de fanzines<sup>2</sup> em sala de aula, enquanto espaço de multiletramentos. Para isso, a partir de dados gerados em uma pesquisa-ação, filiada à LA, junto a uma turma de 2ª série do Ensino Médio, Pereira e Dornelles analisam a experiência literária dos alunos com textos poéticos do período romântico da literatura brasileira e as potencialidades da produção de fanzines para o incentivo ao letramento literário na escola. Com isso, as autoras destacam a ressignificação provocada nos conteúdos da aula de literatura com a produção textual autoral e a ampliação da consciência social dos alunos.

A parte III do livro, por sua vez, focaliza o tema *ideologias linguísticas*, com estudos que versam sobre a produção de discursos em dadas interações sociais. A partir de quatro capítulos, que constituem a última parte do livro, temos pesquisas situadas tanto em contexto de ensino de línguas (Português e Libras), quanto em contextos não escolares, como as ideologias políticas.

O capítulo 7, intitulado *Presidente ou presidenta? Ideologia linguística e embates metapragmáticos*, de Luiz Paulo da Moita Lopes, centra-se sobre uma discussão polêmica: a escolha/utilização do termo *presidenta*, ao invés de *presidente*, por Dilma Rousseff frente ao cargo presidencial. A esse respeito, Moita Lopes chama atenção para os efeitos de performatização de sentidos sobre gênero, argumentando que se trata não de uma crítica à expressão linguística, mas à pessoa alvo da desaprovação. A partir de notícias e postagens em redes sociais, o autor propõe uma análise das ideologias linguísticas mobilizadas em torno do uso *presidenta*, que além de ter evocado discursos conservadores e lutas metapragmáticas, produziu uma violência simbólica contra a imagem de Dilma Rousseff e uma tentativa de apagamento da sua posição de chefia, ambas motivadas pela questão política e de gênero. Não obstante, Moita Lopes destaca a importância dessa escolha e uso da ex-presidenta, ao desarticular regimes discursivos muito bem traçados e sedimentados, dada a sociedade patriarcal que institui quem os homens e mulheres devem ser.

Já no capítulo 8, *Percepção de recursos semióticos imagéticos em situações cotidianas de jovens surdos*, de Aryane S. Nogueira e Marilda C. Cavalcanti, as autoras lançam mão de um tema caro à atualidade: as subjetividades dos jovens surdos face ao uso de uma língua e experiência visuais. Situadas em uma Linguística Aplicada indisciplinar, elas criticam a comunicação por binarismos/dicotomizações, sob um conceito de língua que possa incluir o semiótico, como o imagético, sendo uma parte constituinte da interação entre surdos, assim como de suas identidades e representações. A partir da geração de registros, oriunda da interação em minigrupos focais e diários de campo com os participantes da pesquisa, Nogueira e Cavalcanti apontam que parece haver uma aderência dos sujeitos (os entrevistados e os citados por eles) a uma orientação grafocêntrica no que se refere à visualidade surda. Haveria, conforme as autoras, tanto uma recontextualização do discurso hegemônico que atribui diferentes posições de valor às imagens e aos seus usuários, quanto supostamente parece representar uma preocupação dos sujeitos a respeito da imobilidade escalar na ampliação de seus repertórios comunicativos.

Na sequência, em *“Falar corretamente é poder”*: *ideologias linguísticas, ensino de língua e acolhimento*, de Edilaine Buin e Fabiana Biondo, e que constitui o capítulo 9 da obra, há uma preocupação em torno da discussão sobre as ideologias linguísticas e metapragmáticas nas aulas de português como língua de acolhimento (PLAc). A partir

---

<sup>2</sup> Pereira e Dornelles (2021, p. 199) compreendem o fanzine, com base em Magalhães (1993), como “uma reconhecida publicação de caráter experimental ou amador, na qual se aborda algum assunto de que se é fã (normalmente quadrinhos), visando fazer amizade com leitores aficionados da arte ou tem em questão”.

da análise de depoimentos de duas professoras voluntárias em uma sala de aula de PLAc para haitianos e venezuelanos, Buin e Biondo centram-se na caracterização das ideologias, sobretudo no que tange às relações de poder. Diante dos dados, as ideologias, por meio dos processos de iconização, recursividade e apagamento, revelaram uma complexidade no ensino aprendizagem de PLAc, considerando as relações hierárquicas, aspectos culturais e ideais de língua em jogo entre professoras e alunos. As autoras destacam que, do ponto de vista das professoras, a experiência serviu para desestabilizar muitos conhecimentos e certezas, ao passo que entender a situação de precariedade e as questões éticas que configuram os discursos dos alunos não só ratifica a importância da situação de acolhimento como também as coloca, de fato, no lugar do outro.

O último capítulo do livro, intitulado *Desregulamentação e decolonialidade linguísticas no ensino de língua*, de Cloris Porto Torquato, versa sobre dois aspectos importantes da obra de Signorini que, segundo a autora do capítulo, dialogam diretamente com a sua formação: desregulamentação linguística e a análise de posições valorativas nas práticas letradas. Em função disso, Torquato propõe uma discussão em torno das relações dialógicas entre decolonialidade, linguagem e raça, ensino e formação de professores de português, com foco nas ideologias linguísticas. Com a análise empreendida, a autora destaca os diálogos/negociações interculturais, constituídos por conflitos, tensões, lutas sociais, forças estratificadoras e relações de poder que permeiam os grupos sociais. A esse respeito, Torquato defende uma educação linguística alinhada com a teoria da desregulamentação linguística, em que se busca de fato fazer usos linguísticos contra-hegemônicos, ouvir as vozes dos docentes e discentes, e superar, de forma transgressiva, transformadora e decolonial, a normatividade da pretensa universalidade de conhecimentos eurocêntricos.

Temos, diante desse livro em homenagem a Signorini, uma significativa produção para o campo da LA. Seja a partir de experiências vivenciadas com a homenageada, seja pela mobilização da sua sólida e sempre atual produção científica, essa obra nos conduz a um passeio pela trajetória da LA e da pesquisadora, ambas amalgamadas. As experiências relatadas por cada um dos autores dessa obra são um bom exemplo de como o campo aplicado dos estudos da linguagem está sempre em movimento, sendo (re)traçado e (re)desenhado, trazendo contribuições sociais importantes para responder às demandas da atualidade permeadas pela linguagem.

Nesse sentido, recomendamos a obra à comunidade científica interessada pelos modos de se conceber, enxergar e trabalhar com a língua(gem) nos contextos mais diversos, dada a heterogeneidade das operações teórico-metodológicas adotadas em cada capítulo. Por fim, destacamos que a leitura da obra pode propiciar uma experiência singular a cada leitor, construída pelo deslizamento de sentidos, algo característico do fazer linguístico.

## Referência

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. 1. ed.; 5. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020 [2014].